



Edição nº 28 – 2º semestre de 2019

Artigo recebido até 15/06/2019

Artigo aprovado até 15/07/2019

NOÇÕES DE LÍNGUAS AFRICANAS NA COMPOSIÇÃO DO LÉXICO BRASILEIRO: UM PANORAMA HISTÓRICO¹

Gabriela Pache Tavares

G/UEMS

Resumo: o presente trabalho busca identificar em nossa língua os vocábulos pertencentes à cultura africana que se fazem presente em nosso idioma, por influência das línguas trazidas pelos escravos, que se incorporaram na formação da nossa língua, e as vezes nem se nota sua origem. Assim como fazer um breve panorama da história do processo de formação da Língua Portuguesa, relatando-se a origem e as principais influências em sua composição.

Palavras chaves: Africanismo, influência, miscigenação linguística.

Introdução

A Língua Portuguesa do Brasil foi composta por vários outros idiomas, entre eles exercendo grande impacto os diversos dialetos africanos, trazidos para o país durante a escravidão. Nesse período as culturas por diversas vezes se fundiram, e apesar da precariedade a qual eram submetidos os escravos não abandonaram seus costumes, trouxeram consigo as línguas nativas e seus inúmeros dialetos, entre os quais destacaram-se o Iorubá (Bahia) e o Quimbundo que atingiu uma área geográfica maior.

Os termos africanos incorporaram-se na língua de uma forma significativamente sólida, e hoje podemos observar em nosso dicionário muitas palavras com comum sentido aqui e em Angola. Usamos em nosso cotidiano normalmente esses vocábulos sem termos consciência de suas origens, alguns conservando seus significados originais, outros adquirindo sentidos especiais, e até os que combinam elementos africanos e elementos do português (ex. cafundó de Judas).

¹ Trabalho desenvolvido para a disciplina de Introdução às Linguística II ministrada pelo Prof. Dr. Marlon Leal Rodrigues.



Enfim, esse trabalho visa mostrar como o africanismo está presente em nosso idioma e constitui-se de extrema importância para a compreensão da significação da construção da língua portuguesa. Sendo necessária a valorização da sua contribuição para a formação do que temos hoje como idioma, um português rico, fruto de uma grande miscigenação linguística.

Gramática Histórica e Gramática comparada

A Gramática histórica é a ciência que estuda a origem e o desenvolvimento de uma língua até os dias de hoje, ela tem como função avaliar as transformações que a língua sofreu obedecendo às tendências e hábitos linguísticos no lugar e no tempo. Diferentemente da Gramática comparada que é a ciência em que o foco é buscar através da comparação as raízes da língua, onde as semelhanças na estrutura e na formação da palavra se remetem a uma língua mãe. Para Coutinho o método comparativo consiste em relacionar os fatos de uma língua com os análogos de outra ou outras da mesma família, para assim lhes descobrir a origem ou procedência.

Desse modo, a gramática histórica da língua portuguesa tem como um dos seus objetivos, estudar a origem e as transformações do idioma até os dias atuais. Estando a história da língua portuguesa correlacionada com a história da Península Ibérica (atualmente situada no sudoeste da Europa).

História da Península Ibérica

A península Ibérica era povoada por vários povos antes dos romanos, segundo Ismael havia dois povos primitivos.



“um cântabro-pirenaico e o outro mediterrâneo. Destes dois povos se teriam originado respectivamente o basco e o ibero” (COUTINHO, 1976, p. 46).

Em época posterior, os celtas que se uniram aos iberos formando assim os *celtiberos* (Silva, José Pereira da, 2010, p 19), que dominaram as regiões mais férteis da Península principalmente a Lusitânia. Sendo um povo guerreiro os celtiberos viviam em fortalezas. Porém com a chegada dos fenícios (cartagineses) vários conflitos ocorreram entre os cartagineses e os celtas pela conquista de territórios, até que o último pediu ajuda para Roma. Durante a segunda guerra púnica os romanos invadem a península ibérica.

O Domínio Romano não foi apenas político e militar, mas também cultural a fácil assimilação do povo ibérico com a introdução do latim nos meios de comunicação educativa, administrativa, comercial e militar do povo ibérico, contudo o latim acabou sendo transformado por causa das regionalizações.

História da Língua Portuguesa

A história da língua portuguesa e o seu desenvolvimento desde a sua origem no noroeste da península ibérica até ao presente, como língua oficial falada em Portugal e em vários países de expressão portuguesa. Em todos os aspectos - fonética, morfologia, léxico e sintaxe - a língua portuguesa é essencialmente o resultado de uma evolução orgânica do latim vulgar trazido por colonos romanos no Século III a.C., com influências menores de outros idiomas e com um marcado substrato céltico. O português arcaico desenvolveu-se no Século V d.C., após a queda do Império Romano e as invasões germânicas, ditas bárbaras, como um dialético românico, o chamado galego português, que se diferenciou de outras línguas românicas ibéricas.



Usado em documentos escritos desde o século IX, o galego-português tornou-se uma linguagem madura no século XIII, com uma rica literatura. Em 1290 foi decretado língua oficial do reino de Portugal pelo rei D. Dinis I. O salto para o português moderno dá-se no renascimento, sendo o Cancioneiro Geral de Garcia de Resende (1516) considerado o marco do seu início. A normatização da língua foi iniciada em 1536, com a criação das primeiras gramáticas, por Fernão de Oliveira e João de Barros.

A partir do séc. XVI, com a expansão da era dos descobrimentos, a história da língua portuguesa deixa de decorrer exclusivamente em Portugal, abrangendo o português europeu e o português internacional. Em 1990 foi firmado um tratado internacional com o objetivo de criar uma ortografia unificada, o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, assinado por representantes de Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e São Tomé e Príncipe.

Ciência da Língua

“A língua é um sistema cujas partes podem e devem ser consideradas em sua solidariedade sincrônica” (Saussure, 1975).

Para Saussure “é sincrônico tudo quanto se relacione com o aspecto estático da nossa ciência, diacrônico tudo que diz respeito às evoluções. Do mesmo modo, sincronia e diacronia designarão respectivamente um estado de língua e uma fase de evolução” (SAUSSURE, 1995, p.96).

Por língua entende-se um conjunto de elementos que podem ser estudados simultaneamente, tanto na associação paradigmática como na sintagmática. Por solidariedade objetiva-se dizer que um elemento depende do outro para ser formado.

Para Ferdinand Saussure a linguagem é social e individual; psíquica; psico-fisiológica e física. Portanto, a fusão de Língua e Fala. Para ele, a Língua é definida como a



parte social da linguagem e que só um indivíduo não é capaz de mudá-la. O lingüista afirma que “a língua é um sistema supra-individual utilizado como meio de comunicação entre os membros de uma comunidade”, portanto “a língua corresponde à parte essencial da linguagem e o indivíduo, sozinho, não pode criar nem modificar a língua” (COSTA, 2008, p.116).

A Fala é a parte individual da Linguagem que é formada por um ato individual de caráter infinito. Para Saussure é um “ato individual de vontade e inteligência” (SAUSSURE, 1995, p.22).

Língua e Fala se relacionam no fato da Fala ser a condição de ocorrência da Língua.

O signo lingüístico resulta de uma convenção entre os membros de uma determinada comunidade para determinar significado e significante. Portanto, se um som existe dentro de uma língua ele passa a ter significado, algo que não aconteceria se ele fosse somente um som em si.

No livro *Curso de lingüística geral*, Saussure afirma que “a lingüística tem por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma e por si mesma”, assim, esta é fundamental para que possamos compreender os postulados de Saussure.

A afirmativa Saussureana explícita que a lingüística se preocupa exclusivamente com o estudo da língua por ela ser um sistema de regras e organizações utilizadas por uma determinada comunidade para a comunicação e compreensão entre si.

Para Saussure, “a lingüística seria um ramo da semiologia, apresentando um caráter mais específico em função de seu particular interesse pela linguagem verbal.” (MARTELOTTA, 2008, p.23)

Cada língua apresenta uma estrutura específica e esta estruturação é evidenciada a partir de três níveis: o fonológico, o morfológico e o sintático, que constituem uma



Edição nº 28 – 2º semestre de 2019

Artigo recebido até 15/06/2019

Artigo aprovado até 15/07/2019

hierarquia com o fonológico na base e o sintático no topo. Portanto, cada unidade é definida em função de sua posição estrutural, de acordo com os elementos que a precedem e que a seguem na construção.

Noções de Línguas Africanas na Composição do Léxico Brasileiro

Os africanos trouxeram consigo a religião, a cultura, e claro trouxeram a língua e o dialeto que falavam. Os principais grupos vitimados pelo tráfico negreiro foram os bantus e sudaneses. A palavra Bantu significa homens, seres humanos, junção de vários povos que ficavam localizados na África ao sul do deserto do Saara que estão representadas por povos que falam entre 700 a duas mil línguas e dialetos aparentados, as línguas faladas hoje são por ordem de antiguidade bochiman, bantu, e o português, mas que os dialetos bantus existentes têm semelhanças linguística, em que apresenta uma unidade genealógica que estão divididos em nove grupos étnico linguístico :Quicongo, Quimbundo, Luanda- Quioco(tcôkwe), Mbundo , Ganguela, Nhaneca-Humbe, Ambó , Herero , e Xindonga.

A influência banto é muito mais profunda em razão da antiguidade do povo banto no Brasil, da densidade demográfica e amplitude geográfica alcançada pela sua distribuição humana em território brasileiro. A sua presença foi tão marcante no Brasil no século XVII que, em 1697, é publicada, em Lisboa, A arte da língua de Angola, do padre Pedro Dias, a mais antiga gramática de uma língua banto, escrita na Bahia para uso dos jesuítas, com o objetivo de facilitar a doutrinação dos 25.000 negros angolanos, segundo Antônio Vieira, que se encontravam na cidade do Salvador sem falar português.

As palavras africanas que entraram para a língua portuguesa no Brasil, estão associados ao regime da escravidão (senzala, mucama, bangüê, quilombo), enquanto a



maioria deles está completamente integrada ao sistema linguístico do português, formando derivados portugueses a partir de uma mesma raiz banto (esmolambado, dengoso, sambista, xingamento, mangação, molequeira, caçulinha, quilombola), o que já demonstra uma antiguidade maior.

Em alguns casos, a palavra ‘banto’ chega a substituir a palavra de sentido equivalente em português: caçula por benjamim, corcunda por giba, moringa por bilha, molambo por trapo, xingar por insultar, cochilar por dormir, dendê por óleo-de-palma, bunda por nádegas, marimbondo por vespa, carimbo por sinete, cachaça por aguardente. Alguns já estão documentados na literatura brasileira do século XVII, a exemplo dos que se encontram na poesia satírica de Gregório de Matos e Guerra. Também existem outros exemplos:

Marimbondo = Nome comum a certas vespas.(Dicionário da Língua Portuguesa de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira)

Marimbondo = Plural de rimbondo (vespa) (Dicionário de Kimbundu-Portuguez coordenado por J.D.Cordeiro da Matta.)

Tanga = Espécie de avental com que certos povos primitivos cobrem o corpo desde o ventre até as coxas.(Dicionário da Língua Portuguesa de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira)

Tanga = Vestimenta. Tudo o que, em jeito de avental duplo, pendendo da cintura para as coxas, vela as nádegas e os órgãos sexuais. Pano que cingindo o ventre, descai em idêntica



Edição nº 28 – 2º semestre de 2019

Artigo recebido até 15/06/2019

Artigo aprovado até 15/07/2019

velatura. Des. Antigo pano do traje regional feminino, constituído de certo tecido grosso de duas faces, estão denominado pano-da-costa, o qual, juntamente com mais dois iguais aos do vestuário, se usava na época do frio, em função de xale-manto.

Tanga = Pano, capa.(Dicionário de Kimbundu-Portuguez coordenado por J.D.Cordeiro da Matta.)

Quitanda = Pequeno estabelecimento onde se vendem frutas, legumes, cereias, etc..; tabuleiro com gênero e mercadorias de vendedores ambulantes(Dicionário da Língua Portuguesa de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira)

Kitanda = Feira, mercado.(Dicionário de Kimbundu-Portuguez coordenado por J.D.Cordeiro da Matta.)

Fubá = farinha de milho ou arroz.(Dicionário da Língua Portuguesa de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira)

Fuba = fécula de mandioca.(Dicionário de Kimbundu-Portuguez coordenado por J.D.Cordeiro da Matta.)

Fuba = Farinha (ordinariamente de milho, massambala, massango, mandioca e batata doce)

Fig.- O que se apresenta pulverizado. Serradura. Bras.: Fubá. Farinha da Guiné (ref. a de milho).



O Quimbundo e os grupos linguísticos africanos estão inseridos na família congocordofaniana, que compreende a família linguística Niger-Congo juntamente com o Quicongo e Umbundo. A língua Quimbundo (originária dos povos Angolanos- Ngola) e a língua Quicongo (originária dos povos Bakongo- Kongo) são as mais usadas nos templos religiosos de cultura e tradição Ngola Kongo no Brasil. Os sudaneses dividiam-se em três subgrupos: iorubas, gegês e fanti-ashantis. Esse grupo tinha origem do que hoje é representado pela Nigéria, Daomei e Costa do Ouro e seu destino geralmente era a Bahia.

Das línguas oeste-africanas ou sudanesas, seus principais representantes no Brasil foram os povos do grupo ewe-fon provenientes de Gana, Togo e Benim, apelidados pelo tráfico de minas ou jejes, e os iorubás da Nigéria e do Reino de Queto (Ketu), estes últimos na vizinha República do Benim, onde são chamados de nagôs. No entanto, apesar dessa notável diversidade de línguas, todas elas têm uma origem comum., a presença de povos ewe-fon, cujo contingente foi aumentado em consequência da demanda crescente de mão-de-obra escravizada nas minas de ouro e diamantes, então descobertas em Minas Gerais, Goiás e Bahia, simultaneamente com a produção de tabaco na região do Recôncavo baiano. Ao findar do século XVIII, a cidade do Salvador começa a receber, em levadas numerosas e sucessivas, um contingente de povos procedentes da Nigéria atual, em consequência das guerras Inter étnicas que ocorriam na região.

Entre eles, a presença nagô-iorubá foi tão significativa que o termo nagô na Bahia começou a ser usado indiscriminadamente para designar qualquer indivíduo ou língua de origem africana no Brasil. Nina Rodrigues mesmo dá notícia de um “dialeto nagô”, que era falado pela população negra e mestiça da cidade do Salvador naquele momento e que ele não documentou, mas definiu como “uma espécie de patois abastardado do português e de várias línguas africanas” (cf. Rodrigues 1942::261). Logo, não se tratava da língua iorubá, como muitos ainda se deixam confundir. Devido a uma introdução tardia e à numerosa concentração dos seus falantes na cidade do Salvador, os aportes do iorubá são mais



aparentes, especialmente porque são facilmente identificados pelos aspectos religiosos de sua cultura e pela popularidade dos seus orixás no Brasil (Iemanjá, Xangô, Oxum, Oxossi, etc.)

Porém explicar a participação de línguas africanas na construção da língua portuguesa no Brasil é ter em conta a atuação do negro-africano como personagem falante no desenrolar dos acontecimentos e procurar entender os fatos relevantes de ordem socioeconômica e de natureza linguística que favorece o componente africano no processo.

Aqui, merecem destaque a atuação socializadora da mulher negra na função de mãe-preta no seio da família colonial, e o processo de socialização linguística exercido pelos negros ladinos, aqueles que, aprendendo rudimentos de português, podiam falar a um número maior de ouvintes, e influenciá-los, resultando daí por adaptarem uma língua a outra e estimularem a difusão de certos fenômenos linguísticos entre os não bilíngues.

No entanto, nesse contexto sócio histórico, cada língua ou grupo de línguas teve sua influência própria. Por isso mesmo, a investigação sobre culturas africanas no Brasil tem sido baseada nos mais proeminentes candomblés de tradição nagô-queto em Salvador, uma abordagem metodológica que vem sendo observada desde Rodrigues (1945) e que terminou por desenvolver a tendência de interpretar os aportes africanos no Brasil através de uma óptica iorubá, mesmo quando não são.

Com relação a pronúncia, o negro foi considerado o elemento responsável pelo estabelecimento e pela difusão de traços da pronúncia das classes populares. Se, geralmente, encarecia-se a contribuição indígena para o léxico, a herança africana vista como mais marcante relacionava-se, via de regra, ao domínio da fonética, a introdução de vogais em meio a encontros consonantais e a transformação de esdrúxulas em paroxítonas



Edição nº 28 – 2º semestre de 2019

Artigo recebido até 15/06/2019

Artigo aprovado até 15/07/2019

foram provocadas pelos falantes do quimbundo – idioma desprovido de proparoxítonas e de consoantes agrupadas.

Acreditando que o quimbundo apresentasse uma tendência a anteceder consoantes, principalmente o d e o g, por n, ele viu nessa característica a causa de formas muito difundidas no dialeto capiau, como mi'ndá e mi'ndeú, equivalentes de dá-me e deu-me. De maneira semelhante, a partícula mu, indicativa de singular, utilizada diante de palavras quimbundas iniciadas por b, estaria por trás de modificações da natureza de bocado em mucado/mucadinho/mucadiquinho, também em tommem e berimbáo em mirimbáo. Pontes considerou a indistinção que certas línguas africanas apresentam entre a 'língua-dental l' e o 'r brando', uma explicação possível para criação própria da linguagem popular brasileira, de que são produtos carçado e lubrina (neblina).

Na morfologia os africanos imprimiram marcas profundas de seus idiomas na morfologia e na sintaxe portuguesas. Apelou-se para a 'profunda diferença estrutural' entre nossa língua e as outras. A ela, teria vindo somar-se o desprestígio social dos falantes das línguas africanas, que fazia indesejável a adoção de seus hábitos linguísticos., o prefixo ca – que teria valor diminutivo – resulta de uma confusão entre léxico e morfologia, que levou autores a considerar simples sílabas de empréstimos como adoções de prefixos ou sufixos. O outro se relaciona aos mecanismos flexionais da língua portuguesa: a marcação de plural restrita ao determinante. De fato, os falantes de línguas africanas seriam os principais responsáveis pela redução das flexões, nominais e verbais. Seu grande legado para a linguagem popular brasileira materializava-se, portanto, nas viciadas construções gramaticais e inteiramente rebeldes às leis da concordância e da sintaxe que singularizariam o falar dos incultos.

Sintaxe a ação dos africanos sobre a sintaxe do português do Brasil não foi revestida de grande importância. Não houve, como no caso da ausência de marcas de



concordância para o terreno da morfologia, um traço de relevo, nesse domínio, que tivesse sido atribuído aos negros por vários autores. Participação das línguas dos escravos na constituição do ‘modo de dizer’ do brasileiro, inclusive na maneira de construir as frases, não tinha recebido a devida atenção. A interferência das línguas africanas na sintaxe da nossa variante teria ficado marginalizada, em consequência do descaso e do desprezo de boa parte dos eruditos que ignoravam a contribuição dos não-brancos para a nossa cultura.

As línguas do sul da África, principalmente o quimbundo e o ioruba, teriam colaborado na formação da sintaxe dos incultos. explicando como interferência desses idiomas: a preferência pela comparação por meio de perífrases (com as formas igual a, bater em e vencer em), o emprego de estar em lugar de ter (a exemplo de ter febre), a opção, em certos casos, pela posposição do possessivo e do demonstrativo, a adoção da regência falar com (justificada como decalque da construção bantu) e a utilização de expressões como ele é bom e muito, ela é alta e muito, que se assemelhariam a uma ‘estrutura afro-negra.’

O papel dos negros– e de suas línguas – na configuração da(s) nossa(s) variante(s). Alguns autores traçaram paralelos explícitos entre mestiçagem ‘linguística’ e mestiçagem racial que revelam sua visão de que a mistura de raças constituía um importante fator desencadeador da mudança nas línguas. De forma geral, reconhecer o léxico nacional que se tinha enriquecido com a contribuição das línguas africanas.

Conclusão



Edição nº 28 – 2º semestre de 2019

Artigo recebido até 15/06/2019

Artigo aprovado até 15/07/2019

Ao longo da pesquisa é possível observar que a constatação da influência africana na língua portuguesa falada no Brasil se dá principalmente na nossa oralidade e na tendência à simplificação.

Ao contrário do que se parece, em termos de vocabulário, essa mesma cultura não foi tão incisiva. Herdamos de fato muitos vocábulos, mas também poucos se considerando o total deles, sendo que desses que chegaram até nós, a grande maioria está relacionada ao trivial; palavras referentes à religião à culinária ou qualquer outro assunto que diz respeito ao que é de ordem coloquial.

A grande contribuição está mesmo na oralidade, que garante uma fala mais aberta e com mais curvas, o que a faz dissociar consideravelmente do português de Portugal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTRO, Yeda Pessoa de. *Das línguas africanas ao português Brasileiro*. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Centro de Estudos Afro-Orientais - Universidade Federal da Bahia.

CHRISTINO, Beatriz. *O papel do negro na formação do português*. Centro de documentação em historiografia linguística. (CEDOCH-DL/USP; CAPES).

COSTA, M.A. Estruturalismo. In: MARTELOTTA, M.E. (Org.) et al. *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto, 2008.



Edição nº 28 – 2º semestre de 2019

Artigo recebido até 15/06/2019

Artigo aprovado até 15/07/2019

COUTINHO, Ismael de Lima. Pontos de Gramática Histórica.-Rio de Janeiro: Editora Ao Livro Técnico,1976. (Linguística e Filologia).

PUZZINATO, Ana Paula; AGUILERA, Vanderci de Andrade. *A presença de africanismo na língua portuguesa do Brasil.*

Disponível em:

<http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/2010/Lingua_Portuguesa/dissertacao/Aslinguas_escravos_brasil.pdf>

SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral.* Trad. De Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1995.